

LITERATURA E SILÊNCIO: INVESTIGAÇÕES NO ENTORNO DO NÃO DITO

Este dossiê é um convite a pensar o silêncio como um elemento que cerca e constitui as linguagens e, conseqüentemente, as obras literárias. Na literatura, o silêncio pode ganhar e gerar várias figuras e desfigurações. Ele é o infinito, que se situa nas inacabáveis possibilidades do não dito, mas é também o silêncio aquilo que reside nos espaços entre as palavras, na separação dos versos e estrofes de um poema e dos parágrafos e capítulos de um texto em prosa. Tal como as pausas fazem parte da música, o silêncio é uma matéria constituinte da literatura, pois ele possibilita que se produzam relações entre as palavras. Na poesia visual, o silêncio se instala, por exemplo, nos significativos espaços em branco que se proliferam ao longo do poema-partitura “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, de Mallarmé, assim como na poesia concreta dos irmãos Campos, na ilegibilidade críptica dos texto-imagens de Ana Hatherly e em tantas outras obras.

A literatura, ainda que seja escrita com o silêncio, é muitas vezes o meio no qual se investigam e se produzem estratégias para driblar o silenciamento estrutural promovido pelas guerras, ditaduras e políticas genocidas. A literatura de testemunho, consciente do silêncio que a permeia, se põe diante do que não se pode narrar, lançando o olhar sobre o apagamento sistemático que constitui nossos repertórios. O silêncio então pode ser pensado como elemento no qual articulam-se diversos significados, seja a partir dos aspectos formais que incorporam as obras literárias, das questões sociais e políticas inscritas sob regimes de silenciamento, do apagamento presente na escrita da memória, das poéticas que se desenvolvem na contracorrente dos discursos hegemônicos ou de outros diversos aspectos que levam a literatura a recriar continuamente os limites da linguagem.

Os textos que compõem o **Dossiê** abordam, portanto, as relações entre silêncio e literatura sob uma diversidade de aspectos, observando em cada caso a presença do silêncio enquanto dispositivo poético e como forma de produção literária, cultural e política na profusão de distintos objetos de estudo. No artigo “Reflexões sobre o gesto: o silêncio como uma sugestão textual”, de Deborah Walter de Moura Castro, as relações entre silêncio e gesto são observadas em obras de Marcel Broodthaers, On Kawara, León Ferrari e Mira Schendel. “Paulo Henriques Britto e a poesia como forma de (não) dizer e de dizer o não”, de Carolina Anglada e Daniel Hydalgo Erbert, reflete a respeito da poética contemporânea de Paulo Henriques Britto e aponta para a presença constitutiva do silêncio em sua linguagem. Derick Davidson Santos Teixeira elabora uma análise comparativa de procedimentos

teóricos em torno do silêncio no artigo “Preciosa morada de silêncio: a literatura, Blanchot e Barthes”.

Em “Escrever é gritar sem ruído: os silêncios na escrita de Marguerite Duras”, Isabela Bosi parte das obras *Hiroshima mon amour* (1960) e *La douleur* (1985) ao pensar os modos como silêncio e testemunho se relacionam. O artigo “Slam, performance e rompimento de silêncios”, de Daniel Conte, Lovani Volmer e Suzana da Silva Souza, analisa as dimensões poéticas e sociais do Slam frente às tensões que circunscrevem os espaços públicos e privados. “Fotografias da ruína: a condição do sujeito poeta e da poesia articulada em ‘Diving into the Wreck’ de Adrienne Rich”, de Amanda Carraro Moraes Roly, elabora uma leitura do poema de Adrienne Rich tecendo junto a ele uma discussão teórica baseada em Walter Benjamin e Derrida.

Isabelle Merlini Chiaparin propõe uma releitura do cânone da filosofia trazendo à tona as obras de Teresa D’Ávila e Juana Inés de La Cruz no artigo “A voz calada das filósofas: o silenciamento epistêmico das obras literárias de Teresa D’Ávila e Juana Inés de La Cruz. Ibrahim Alisson Yamakawa e Luzia Aparecida Berloff Tofalini discutem a dimensão do silêncio na produção literária de Gonçalo M. Tavares no artigo “Palavras, silêncios e vazios em *Na América, disse Jonathan*, de Gonçalo M. Tavares: fronteiras”.

Na seção **Ensino de Literatura**, o estudo “*Literature to warm hearts: leitura literária em tempos de ensino online de Inglês como língua estrangeira*”, de Leonardo Dias Cruz, caracteriza e sugere uma sequência didática destinada a fomentar práticas de leitura literária em aulas de língua inglesa. Voltado para aulas realizadas mediante

plataformas digitais online, o autor baseia sua reflexão nos conceitos de letramento (proposto pelo Grupo de Nova Londres, ou *The New London Group*) e letramento literário (tal como pensado por Paulino e Cosson).

Em **Teoria, Crítica Literária, Outras Artes e Mídias**, um artigo escrito em língua inglesa, “Language as resistance: a postcolonial approach to the use of nation language as cultural translation in Grace Nichols’ poems”, analisa o modo como textos do livro *The Fat Black Woman’s Poems* desenvolvem e usam a língua nacional como resistência contra os efeitos do colonialismo. A autora do estudo, Letícia Romariz, mobiliza o conceito de *nation language* a partir da definição proposta por Kamau Brathwaite, além de retomar ideias de Stuart Hall, Sandra Regina Goulart Almeida e outros autores.

Já o artigo “*O Ateneu*, de Raul Pompeia, e sua recepção por Araripe Júnior no periódico *Novidades: crítica e bibliografia*”, de Dirceu Magri e Gabriel Akio Yokota, examina um estudo publicado por Araripe Júnior em 1888 e 1889, “Raul Pompéia – *O Ateneu* e o romance psicológico”. O artigo também lista textos críticos dedicados à citada obra de Pompeia, textos que são divididos em quatro classes: i) bibliografia de referência, na qual é incluído o trabalho de Araripe Júnior; ii) publicações em comemoração ao centenário do nascimento do autor (1963); iii) publicações em comemoração ao centenário da morte do autor (1995); iv) publicações vindas à luz na década 2009-2019.

A seção Teoria, Crítica Literária outras Artes e Mídias ainda apresenta a contribuição de Thiago Martins Prado e de Diane Nascimento de Oliveira, “A impossibilidade de romantização do poder: de *Clube da Luta* a *Clube da Luta*

2”. Neste texto, os autores estabelecem relações entre o romance escrito por Chuck Palahniuk e a história em quadrinhos criada em continuidade à narrativa, partindo de referenciais teóricos de Michel Foucault e de Hakim Bey.

No artigo “Diálogos entre a história e a ficção: a representação da violência no conto “Ninguém matou Suhura”, de Lília Momplé”, Viviane Carvalho Lopes vale-se dos Estudos Culturais e da Teoria Pós-Colonial para propor relações entre a Literatura de Momplé e a História de Moçambique. Já em “Poesia e artes visuais: a éfrase em poemas de Carlos Drummond de Andrade sobre quadros de Enrico Bianco”, Cristina Gonçalves Ferreira de Souza aborda a relação entre as artes visuais e a poesia a fim de considerar a éfrase como recurso literário e, também, como ferramenta de leitura do mundo. Francisco Renato de Souza, por sua vez, no artigo “De Proust a Balzac: a

transexualidade do discurso Charlus”, analisa a transexualidade como elemento constituinte da narrativa de “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust.

Em “Pablo Neruda viene volando: teatro e anarquismo”, Larissa Gouveia Duarte pretende averiguar a existência de traços libertários em uma peça do grupo de teatro Ictus e de Jorge Díaz. Assim, a autora compõe um panorama que associa a história do movimento anarquista e do teatro no Chile. Jéssica Antunes Ferrara, no artigo “Lutas, discursos, e corpos: a poesia de slam como arte performática e prática feminista decolonial”, debruça-se sobre a performance na poesia de slam a fim de elaborar uma discussão que, ao enfatizar o caráter político e decolonial desse tipo de manifestação artística, aponta para sua atuação como elemento desestruturante do sistema engendrado pela colonialidade do poder.

No artigo “Marcela: a voz da personagem feminina como contradiscurso hegemônico em *Dom Quixote* sob uma leitura bakhtiniana”, Paulo Valente revista o clássico de Miguel de Cervantes e elabora uma análise das características polifônicas do romance e da personagem Marcela destacando sua presença “como contradiscurso hegemônico ao destino imposto ao gênero feminino naquele contexto”. Leonardo Brandão de Oliveira Amaral, em “Estar no mundo, estar fora do mundo: nostalgia e alteridade em *Doce cuentos peregrinos* de Gabriel García Márquez”, reflete sobre a poética da nostalgia experienciada por indivíduos em trânsito em *Doce cuentos peregrinos*, a partir da leitura da modernidade na construção da identidade sujeitos deslocados, sendo esta permeada pela memória.

No artigo “Memória e escrita em *Um beijo dado mais tarde*, de Maria Gabriela Llansol e *O inventário das coisas*

ausentes, de Carola Saavedra”, Francisca Liciany Rodrigues de Sousa – a partir de uma leitura que privilegia o modo como as autoras tomam os objetos e os espaços como personificação de memórias, bem como o papel exercido pelos diários na escrita e os questionamentos que ambas elaboram sobre linguagem – debruça-se sobre as relações entre feminino, ficção e memória e discute em que medida essas narrativas, refletindo sobre o processo da escrita literária, ressignificam os vínculos entre o real e o ficcional. “A morte das casas na obra de Cecília Meireles”, artigo de Paola Resende, apresenta uma leitura sensível e poética da representação das casas na obra da escritora mineira Cecília Meireles, atentando-se, em especial, para aquelas em que o vazio e o abandono ganham espaço - condição ligada à modernização das cidades, criadora de solidões habitadas.

Em **Tradução e Edição**, Marcos Roberto do Nascimento debate os modos como se articula e se compreende a produção independente do livro no artigo “Editoras independentes e precarização no mercado editorial”. Henrique Carvalho Pereira traduz o texto “Semiologia e retórica”, de Paul de Man.

A edição conta com uma **Entrevista** com o poeta contemporâneo, tradutor e pesquisador Leonardo Fróes.

Na seção **Resenha**, Filipe de Freitas Gonçalves, em “FISCHER, Luís Augusto. *Duas formações, uma história*: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio. Porto Alegre: Arquipélago, 2021. 399 p.”, tece uma reflexão sobre o novo livro de Luís Augusto Fischer.

Em **Poéticas**, Mariana Laterza apresenta a obra “Narrativa visual - da vegetação à noitidão”, Helena Zelic reúne a seleção intitulada “Uma coisa de vó e neta: quatro poemas de A libertação de Laura”, Isabela Benassi traz os poemas “barriga de aluguel” e “exercícios de aproximação”. Zé Mariano apresenta a série intitulada “Se ao menos as estrelas fossem pequenas...” e Pedro Koberle os poemas “alviste”, “apples and origins” e “apresentaram ainda no século passado”.

*

Alice Carvalho Diniz Leite
Camila Carvalho
Clarissa Xavier
Harion Custódio
João Pedro de Carvalho
Lorena do Rosário Silva
Tiago de Holanda Padilha Vieira